

Revista Cristã
Última Chamada
Edição Especial nº 012



70

Semanas
de Daniel

Kenneth Gentry, Jr.

70 Semanas de Daniel

Autor:

Kenneth Gentry, Jr.

Tradução:

Thiago R B M

Correção e adaptação textual:

César Francisco Raymundo

Fonte:

www.postmillennialismtoday.com

**- Revista Cristã Última Chamada -
Edição Especial Nº 012**

Editor

César Francisco Raymundo

Periódico Revista Cristã Última Chamada, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Contato com o autor:

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais. É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Fevereiro de 2014

Índice

Apresentação 5

1ª Parte _____

Estrutura e cronologia das 70 semanas de Daniel 6

Estrutura de Aliança 6

Valor cronológico 8

2ª Parte _____

Quando as 70 semanas começam? 10

Decretos a se considerar 10

Os elementos cronológicos 12

3ª Parte _____

Qual é o objetivo de Daniel 9:24? 14

A significância do versículo 24 14

Os seis objetivos do verso 24 15

4ª Parte _____

Pós-milenismo e as 70 semanas de Daniel 19

A confirmação da Aliança 20

A destruição de Jerusalém 22

5ª Parte _____	
Dispensacionalismo e as 70 semanas de Daniel	23
6ª Parte _____	
Dispensacionalismo e o “intervalo” de Daniel (1)	25
7ª Parte	
Dispensacionalismo e o “intervalo” de Daniel (2)	30
O versículo da Aliança - 9:27	30
Conclusão	33
Sobre o Autor	34

Apresentação

É com muita satisfação que estamos disponibilizando este estudo sobre as Setenta Semanas de Daniel. Este assunto é realmente fascinante e tem cativado a curiosidade de muitos, mas infelizmente existe muita distorção sobre o significado das Setenta Semanas de Daniel. Mas, graças a Deus, que por meio de Cristo Ele sempre nos concede pessoas eruditas e comprometidas com a verdade, como é o caso do pastor Kenneth L. Gentry, Jr., que muito nos abençoa com sua arte de ensinar.

Não poderia deixar de fora meus agradecimentos ao irmão Thiago R B M que tanto tem se empenhado na tradução e pesquisa dos melhores textos para melhor ensinar o povo de Deus.

Que o leitor possa ser abençoado nesta leitura, lembrando que o real entendimento sobre as Setenta Semanas de Daniel trará dias de paz e refrigério aos cristãos que têm sido tão enganados pelo Dispensacionalismo*.

Boa Leitura!
O Editor.

* O dispensacionalismo é uma doutrina escatológica que afirma que a segunda vinda de Jesus Cristo será um acontecimento no mundo físico, envolvendo o arrebatamento e um período de sete anos de tribulação, após o qual ocorrerá a batalha do Armagedon e o estabelecimento do reino de Deus na Terra.

1ª Parte _____

Estrutura e cronologia das 70 semanas de Daniel _____

A profecia das 70 semanas de Daniel (9:24-27) é uma famosa e intrigante passagem da Bíblia. Seu caráter escatológico e a estrutura temporal nos dão informações importantes para a escatologia bíblica. Infelizmente, é uma passagem difícil de interpretar, apesar de, para leitores leigos, parecer ser bem simples.

Estou começando uma pequena série a respeito da profecia das 70 semanas. Mas inicialmente, quero considerar dois problemas: a estrutura e a cronologia das 70 semanas.

Estrutura de aliança

Se queremos entender a profecia de Daniel, é extremamente útil reconhecermos a estrutura crucial dessa profecia singular. Meredith Kline nos dá uma apresentação completa do contexto de aliança presente nessa profecia. Ele meticulosamente demonstra que a oração de Daniel (9:3-19) que culmina na profecia está “saturada com expressões retiradas de promessas Mosaicas, particularmente das de Deuteronômio”.

Vemos que a aliança é o foco principal de Daniel. Nós vemos isso tanto na oração de Daniel quanto na resposta de Deus. Deixe-me explicar:

Deus é um Deus que guarda as alianças (Daniel 9:4). E Ele é fiel à aliança mesmo que Israel viole a sua “parte” da aliança (9:5) ao ponto de repudiar os “promotores”, ou seja, os profetas (9:6, 10) e sofrerem as suas maldições (9:11-15). Devemos notar que Daniel 9 é o único capítulo em todo o livro em que Daniel usa o “nome de aliança” de Deus, Jeová (ou Yahweh, “Senhor”, vv. 2, 4, 10, 13, 14, 20; conferir com Ex. 6:2-4). Essa oração sobre a lealdade à aliança (9:4) recebe uma resposta estruturada em um padrão sabático de 70 semanas (9:24-27), que resulta na confirmação dessa aliança (9:27).

A clara estrutura de aliança dessa profecia virtualmente necessita de um foco no cumprimento por Cristo durante seu ministério. Vejamos como.

O número sete é familiar aos estudantes da lei sabática do Velho Testamento. A profecia das 70 semanas segue uma cronologia sabática (Levítico 25): A palavra hebraica shabium, que é traduzida como “semana” (Daniel 9:24), literalmente significa “multiplicado por sete”. Daniel recebe essa profecia no primeiro ano da queda da Babilônia nas mãos da Pérsia (Daniel 9:1), enquanto ele contempla o fim dos 70 anos de cativeiro (9:2). O fracasso por parte de Israel em observar as leis levíticas relacionada ao descanso sabático da terra (Lv. 26:43; 2 Cr 36:21) originalmente causa o cativeiro babilônico.

De forma interessante, Levítico 26 enfatiza o número sete em sua ameaça de punição de Israel: “prosseguirei a castigar-vos sete vezes mais, por causa dos vossos pecados” (Lv 26:18; 21; 24; 28). Em seu nono capítulo, Daniel se questiona o que o futuro aguarda para Israel, agora que os 70 anos preditos por Jeremias estão no fim. A resposta de Deus à oração de Daniel apresenta um novo período de “setenta” que gera seis resultados primários (Daniel 9:24). Nessa profecia Deus dá a Israel um período de tempo renovado pelo número setenta: um período de “setenta semanas”.

A primeira fase das 70 semanas é de “sete semanas” ou literalmente, “sete setes” (Daniel 9:25), que resulta em um valor de 49. Na lei cerimonial do Velho Testamento, 49 anos leva ao ano do Jubileu, que é o quinquagésimo ano (Lv. 25:8). Esse é um tempo de grande celebração, onde os escravos são libertos e o retorno das terras perdidas por causa de dívidas aos seus proprietários em todo o

Israel. Isso tem um teor de aliança muito forte e se relaciona diretamente ao significado redentivo da passagem.

O período total de setenta setes também se relaciona a aliança: setenta é igual a dez desses períodos de sete semanas, significando um Jubileu elevado à “décima potência”. O número dez significa plenitude, o número de dedos nas mãos humanas. Então, as setenta setes (semanas) parecem apontar para um Jubileu redentivo completo. Isso deve apontar por sua vez, para Cristo, que trás esse Jubileu completo e a completa redenção (Lucas 4:17-21; Is. 61:1-3; Mateus 24:31) e que é o ponto culminante da profecia de Daniel (Daniel 9:25, 26, 27). Consequentemente, as 70 semanas demarcam o período em que “a redenção Messiânica seria terminada”.

Valor cronológico

Mas qual é o valor cronológico desse período de setenta semanas? As setenta semanas parecem representar um período de 70 vezes sete anos, ou seja, um período de 490 anos. Apesar de ser construída por símbolos sabáticos, representa um período histórico de tempo, ao contrário dos que pensam que ela representa um período indefinido. Mesmo em uma leitura superficial, essa profecia parece ser bem precisa em sua cronologia. Daniel nos dá uma medida e fracionamento cuidadosos desse número. Isso também se encaixa com a preocupação cronológica de Daniel nas profecias macabéias, em Daniel 8 e 12. Além do mais, existe ampla justificativa contextual e em outras partes da bíblia para “dias” querendo dizer anos:

Primeiro, um período de literais 70 semanas seria muito curto para que tudo o que é dito se cumprisse. Então, devemos olhar além de uma interpretação literal para buscar uma interpretação correta.

Em segundo lugar, no contexto anterior, os 70 anos da profecia de Jeremias estão claramente na mente de Daniel (9:2). Esses 70 anos chegam ao ponto de ser a estrutura da profecia de Daniel. Então, o próprio contexto sugere que se trate de anos.

Em terceiro lugar, apenas 2 versos depois, Daniel redefine de forma explícita o uso de “semanas”. Daniel 10:2 diz: “Naqueles dias

eu, Daniel, estive triste por três semanas.” (no original hebraico, “naqueles dias... triste por três períodos de sete dias”). Ele faz isso, aparentemente, para distinguir o simbolismo anterior (da profecia) de “semanas de anos” do tempo literal que usaria dessa vez, de “semanas de dias”.

Em quarto lugar, o Velho Testamento frequentemente se refere ao ano sabático (o sétimo ano do período sabático) como “o sabbath”. Tais passagens, então, chamam de dia um período claramente de um ano, “o dia sabático”.

Em quinto lugar, existem precedentes bíblicos para se falar de anos em termos de dias. Em Gêneses 29:27-28, Jacó trabalha “uma semana” por Raquel: “Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo serviço que ainda outros sete anos comigo servires. E Jacó fez assim, e cumpriu a semana de Lia; então lhe deu por mulher Raquel sua filha.” Esse período de sete dias é na verdade claramente de sete anos: “Assim serviu Jacó sete anos por Raquel; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava.” (29:20).

Em Números 14:34, os quarenta anos no deserto resultaram dos 40 dias de espionagem: “Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos, e conhecereis o meu afastamento.”. Ezequiel 4:6 emprega o mesmo padrão de medida profética que Daniel: “E, quando tiveres cumprido estes dias, tornar-te-ás a deitar sobre o teu lado direito, e levarás a iniquidade da casa de Judá quarenta dias; um dia te dei para cada ano”.

2ª Parte _____

Quando as 70 semanas começam? _____

Como intérpretes da profecia das 70 semanas de Daniel encontramos um problema. Devemos determinar a identidade da “ordem” em Daniel 9:25: “Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém...”.

Decretos a se considerar

Primeiro, podemos suspeitar do decreto de Ciro, em 538 a.C., que é mencionado em 2º Crônicas 36:22-23 e Esdras 1:1-4; 5:13, 17; 6:3. Certamente, Ciro dá uma ordem para reconstrução da cidade (Isaías 44:28), mas o grosso das referências a esse decreto são para a reconstrução do Templo. Daniel, entretanto, fala especificamente de um decreto para “restaurar e reconstruir Jerusalém”, que é uma característica importante, como E. W. Hengstenberg mostra: apesar de os judeus fazerem o esforço de reconstruir Jerusalém depois do decreto de Ciro, por muito tempo a cidade permanece com uma população de uma vila esparsamente povoada e sem muros.

Mas Daniel fala de uma ordem para “restaurar” (raiz: shub, “retornar”) Jerusalém (Daniel 9:25). Isso requer um retorno à sua integridade e grandeza inicial, como na profecia de Jeremias: “E removerei o cativo de Judá e o cativo de Israel, e os edificarei como ao princípio.” (33:7). Isso deve envolver a restauração

completa da cidade, com suas ruas e muros: “...as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos.” (Daniel 9:25).

Entretanto, os judeus não levaram isso à sério até o quinto século A.C.. Hengstenberg aponta o decreto de Artaxerxes I em Neemias 2:1 (conferir com 2:18) como o começo, que ele argumenta que foi no ano 455 A.C.. Já J. Barton Payne e C. Boufflower apontam a atmosfera espiritual carregada de Esdras, em 7:11-26 como o começo, que seria em 458 ou 457 A.C..

Julius Africanus, Vitringa, Ideler e a maioria dos dispensacionalistas computam os anos usando os anos judaicos com 360. Adotando qualquer um dos cenários, descobrimos uma possível razão porque os judeus esperavam o Messias no primeiro século (Mateus 11:3; Mc 15:43; Lucas 1:76-79; 2:25; 26; 38; 3:15). E ele realmente aparece nessa época.

Em uma análise final, o decreto de Esdras em 457 a.C., durante o sétimo ano de Artaxerxes I (454-424 a.C.), parece a melhor possibilidade. Esdras certamente entende esse decreto como uma permissão para a reconstrução dos muros de Jerusalém. Isso levaria aos primeiros 69 anos, até chegarmos a 26 D.C. (deixando um ano de lado, porque não existe um ano zero entre 1 a.C. e 1 D.C.), que é o ano que o ministério de Jesus começa. Os romanos então o crucificam 3 anos e meio depois, em 30 D.C. – data aceita pela maioria dos teólogos.

As referências, décadas após o decreto de Ciro, deixam claro que pouco foi feito no sentido de reconstruir Jerusalém. Neemias lamenta que os muros de Jerusalém estão “destruídos” (Neemias 1:3; 2:3-5; 17; 7:4). Zacarias se refere a Jerusalém como estando “destruída” em seus dias (Zacarias 14:11), mesmo que tenha mencionado a sua futura reconstrução (Zacarias 1:16; 1:12; 2:1; 7:7; 8:5-6). Os inimigos dos judeus avisam Artaxerxes que eles se tornariam uma ameaça se reconstruíssem a cidade (Esdras 4:12-23). Isso explica porque Esdras menciona a aflição de Jerusalém “até o dia de hoje” (Esdras 9:7-9, 15).

O processo de reconstrução culmina na restauração de Jerusalém. Esse processo provavelmente começa como uma semente do avivamento espiritual na época de Esdras (Esdras 7) ou sob a

administração de Neemias (Nem 2:1; 17-18; 6:15-16; 12:43). Vários decretos preparam a restauração, assim como uma ordem divina “E os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando pela profecia do profeta Ageu, e de Zacarias, filho de Ido. E edificaram e terminaram a obra conforme ao mandado do Deus de Israel, e conforme ao decreto de Ciro e Dario, e de Artaxerxes, rei da Pérsia.” (Esdras 6:14).

Os elementos cronológicos

Agora vamos considerar os constituintes cronológicos da profecia. O primeiro período de 7 semanas deve ser marcado por algum evento, já que Daniel o distingue dos outros períodos. Se não fosse importante, ele falaria de “62 semanas”, ao invés de “sete semanas e 69 semanas” (Daniel 9:25). Apesar de não podermos ter certeza, essas sete semanas (ou 49 anos) aparentemente cobrem o período da real reconstrução de Jerusalém. Os judeus reconstróem a cidade durante esse tempo, apesar de oposição e “tempos difíceis” que Deus ordena (Neemias 4:18; Daniel 9:25). Daniel não diz claramente quando cada coisa aconteceria, então, isso não tem influência no debate a respeito da profecia.

Como mostrarei o segundo período, de 62 semanas, se estende da conclusão da reconstrução de Jerusalém até a introdução formal do Messias a Israel, em seu batismo (Daniel 9:25). Isso ocorre por volta de 26 D.C.. Teólogos conservadores concordam amplamente com essa interpretação, que é virtualmente universal entre os exegetas cristãos – excluindo os dispensacionalistas.

O terceiro período de uma semana é objeto de intensa controversa entre dispensacionalistas e outras correntes. Muito da minha discussão tratará dessa semana final.

Já que nossa investigação das 70 semanas é escatológica e não apologética, não precisamos determinar com exatidão o início delas. Nós nos confortamos com o fato de várias possibilidades estão abertas, entretanto. Porém, os eventos messiânicos aos quais Daniel alude são mais cruciais para a escatologia que a determinação da data do decreto.

No meu próximo artigo, considerarei as significantes diferenças separando o dispensacionalismo das outras visões.

3ª Parte _____

Sobre o que é Daniel 9:24? _____

Ao estudarmos a profecia das 70 semanas de Daniel é importante que consideremos cuidadosamente Daniel 9:24. Este versículo nos dá o objetivo final da profecia: “Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santíssimo”. Deixe-me esboçar brevemente os eventos do verso 24 no contexto da profecia como um todo.

A significância do versículo 24

As seis frases no infinitivo do verso 24 formam três duplas, que servem como ponto principal da profecia e como uma introdução para a explicação que segue. “Sabe e entende” (9:25) introduz essa explicação. Então, algumas correspondências devem existir entre os eventos do verso 24 e dos versos 25-27.

Entre os cristãos não dispensacionalistas, a visão mais comum do verso 24 afirma que esses seis elementos são o objetivo da profecia inteira e que ocorreram na época do primeiro advento, 2000 anos atrás. Contrário a essa visão, Culver coloca o assunto em uma

perspectiva fortemente dispensacionalista: esses eventos “não são encontrados em nenhum evento próximo da vida terrena de nosso Senhor”. Ryrie aplica esse verso para o nosso futuro: “Deus vai voltar sua atenção de maneira especial para Seu povo mais uma vez e para sua cidade, a Cidade Santa, Jerusalém, como dito em Daniel 9:24”. Claramente, então, os dispensacionalistas adotam uma abordagem decididamente futurista para essa profecia – quando as 69 semanas tiverem passado.

A profecia das 70 semanas definitivamente está focada em Israel, como podemos deduzir do fato de Daniel estar falando do cativo de Israel (Daniel 9:2) e sua oração de confissão (9:4-22). Mas, logicamente, o Messias de Israel é o único Salvador, então os resultados de seu trabalho vão além de seu povo (os judeus) – como o Velho Testamento deixa abundantemente claro (exemplo: Salmos 72:8; Isaías 2:2-4; 11:9-10).

Vemos essa salvação universal em outras profecias e a vemos de novo aqui. Mas aqui há uma ênfase significativa em Israel. Daniel acaba com “ungir o Santíssimo” (9:24), não porque esteja no fim cronológico, mas para que o Messias pudesse ser apresentado (hebraico, *messhua*, “o ungido”, v.25). Como mostrarei agora, esses seis elementos envolvem uma mistura de bênção e maldição, um fenômeno comum em promessas de alianças.

Os seis objetivos do verso 24

Primeiro, veja que as 70 semanas resultarão no fim da transgressão. Lembre-se da oração de confissão de Daniel, sobre os pecados de Israel (Daniel 9:4) e que a profecia se foca em Israel (Daniel 9:24). Conseqüentemente esse “acabar com a transgressão” (*kala*) se refere a Israel completar sua transgressão. Isso ocorre quando Israel culmina sua transgressão ao rejeitar o filho de Deus, crucificando-o, como Cristo mesmo prediz em forma de parábola: “E, por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho.

Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança” (Mateus 21:37-38).

A segunda parte da primeira dupla se relaciona diretamente à primeira: depois de terminar a transgressão contra Deus, ao rejeitar o Messias, os pecados de Israel são selados. Como Payne observa, a ideia é selar ou “guardar os pecados para punição”. Pelo fato de Israel ter rejeitado seu Messias, uma punição fica guardada. Deus o punirá destruindo completamente seu Templo. Mas Deus guarda essa punição desde a crucificação de Cristo, em 30 d.C. até 70 d.C. (Mateus 24:2; 34).

O “selar” ou “guardar” os pecados indica que dentro de “70 semanas” Israel terá completado sua transgressão e Deus guardará esses pecados para puni-lo – e essa punição cairá sobre Israel depois do período das 70 semanas. Esse é um ponto crucial do Sermão do Monte, pois logo antes de ser crucificado, Cristo diz: “Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta” (Mateus 23:38), Ele então guarda seu julgamento por uma geração (Mateus 24:2, 34).

O terceiro resultado (começo da segunda dupla) tem “expição dos pecados”. A palavra hebraica para “expição” é kaphar. Claramente em relação à morte redentora de Cristo, que é a expiação final, para a qual todos os sacrifícios feitos no Templo apontam (Hebreus 9:26). Isso também ocorre durante Seu ministério terrestre – em Sua morte.

Os dispensacionalistas, entretanto, preferem interpretar esse resultado como uma aplicação ao invés de efetuação, como uma apropriação subjetiva ao invés de um cumprimento objetivo. Walvoord admite que esse resultado “parece ser uma figura clara da morte de Cristo na cruz”, mas então diz que a “aplicação real disso para Israel está novamente associada com a Segunda Vinda”. Com base no verbo hebraico, entretanto, a passagem certamente fala de uma reconciliação real (ou expiação).

Essa expiação do pecado assegura o quarto resultado, justiça eterna, que fala do cumprimento efetivo da justiça, não sua apropriação subjetiva. Cristo assegura isso dentro do período de 70 semanas, durante seu trabalho redentivo na terra. Sobre o trabalho de Cristo, Paulo escreve: “Mas agora se manifestou uma justiça que

provém de Deus, independente da lei, da qual testemunham a Lei e os profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus.

Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos” (Romanos 3:21-25).

O quinto resultado (primeira parte da terceira dupla) também reflete o ministério de Cristo na terra, que Seu batismo introduz, pois Ele veio para “selar a visão e a profecia”. Isso fala do cumprimento – e, portanto confirmação – da profecia a respeito de Cristo. Dispensacionalistas resistem a essa ideia, argumentando que Cristo não cumpriu todas as profecias naquela época. Mas Ele não o fará na 70ª futura semana em uma suposta futura Tribulação. Nem no milênio dispensacionalista. Porque em seguida haveria a apostasia, a ressurreição e os Novos Céus e Nova Terra.

Na verdade, o “selar a profecia” é limitada pela afirmação explícita do propósito, em Daniel 9: a redenção completa através de uma expiação por sangue. E Cristo fez isso: Jesus chamou à parte os Doze e lhes disse: “Estamos subindo para Jerusalém, e tudo o que está escrito pelos profetas acerca do Filho do homem se cumprirá” (Lucas 18:31, também: Lucas 24:44; Atos 3:28).

Finalmente, as 70 semanas testemunharão o seguinte: “unção do Santíssimo”. Essa unção (mashach) fala da introdução formal de Cristo por meio de Seu batismo, ao invés de uma unção do Templo.

Isso parece claro pelo seguinte:

1. O assunto principal de Daniel 9:24-27 é Messiânico. O Templo construído depois do cativeiro babilônico será destruído depois das 70 semanas (versículo 27). Daniel não o menciona novamente; e essa profecia não dá espaço para especulações sobre sua reconstrução para o milênio.

2. Nos versos que seguem à unção, Daniel menciona o Messias (mashiyach, “o ungido”) duas vezes (versículos 25 e 26).

3. Contrário à interpretação de alguns dispensacionalistas, o Templo não é ungido nas Escrituras – seja o original, de Salomão, ou de Zorobabel, da visão de Ezequiel ou o Templo expandido por Herodes. Então, mesmo alguns dispensacionalistas reconhecem (como J. Dwight Pentecost) que Jesus está “em vista” nessa profecia.

A palavra “Santíssimo” fala do Messias, que “será chamado santo, Filho de Deus” (Lucas 1:35). Isaías profetiza sobre Cristo no último jubileu redentivo: “O Espírito do Soberano Senhor está sobre mim porque o Senhor ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, para proclamar o ano da bondade do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar todos os que andam tristes” (Isaías 61:1-2, Lucas 4:17-21).

Em seu batismo, o Espírito vem sobre Ele (Mc 1:9-11) para prepará-Lo para seu ministério, a respeito do qual lemos três versos depois: “Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galiléia, proclamando as boas novas de Deus. “O tempo é chegado” [as 69 semanas?], dizia ele. “O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!” (Marcos 1:14-15). Cristo é proeminentemente “o Ungido” (Salmos 2:2; 132:10; Isaías 11:2, 42:1; Habacuque 3:13; Atos 4:27; 10:38; Hebreus 1:9).

4ª Parte _____

Pós-milenismo e as 70 semanas de Daniel _____

Esta é a quarta parte de uma série sobre as 70 semanas de Daniel (Daniel 9:24-27). Agora focaremos no que Daniel diz sobre o que Israel vai passar “depois das sessenta e duas semanas” (Daniel 9:26) que se seguiriam às “sete semanas” (9:25). Então isso ocorreria após as 69ª semana. Uma leitura natural do texto requer que isso seja durante a 70ª semana, porque é o único tempo que falta para que o predito em Daniel 9:24 se cumpra.

Nesse tempo o “Messias será cortado”. Em hebraico, a palavra traduzida como “cortado” é karath, um “termo usado para pena de morte, Levítico 7:20; e uma morte violenta”, segundo E. J. Young. Então, se refere à morte de Cristo na cruz.

Dado o padrão hebraico de repetição, podemos facilmente enxergar um paralelo entre os versos 26 e 27: o 27 complementa o 26. Pelo lado negativo, o fato de o Messias ser “cortado” resulta do tempo de transgressão chegar ao fim, culminando (versículo 24) na crucificação do Messias. O verso 27 diz: “E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação”. Pelo lado positivo, então, confirmando a aliança com “muitos” resulta na reconciliação e traz a justiça eterna (versículo 24). Então, esses paralelos se referem ao mesmo evento quando vistos pelos ângulos de bênção e maldição (como em Deuteronômio 11:26; 30:1). Ambos acontecem dentro do período de 70 semanas.

A confirmação da Aliança

O que devemos fazer com “firmará a aliança” no verso 27? Essa frase certamente se refere às ações do verso 24. Essas ações resultam do Jubileu perfeito (setenta semanas) da aliança e é resultado da oração de Daniel (versículo 4). Essa aliança deve ser a aliança redentiva da graça de Deus. O Messias vem para confirmar as promessas dessa aliança: “Para manifestar misericórdia a nossos pais, e lembrar-se da sua santa aliança...” (Lucas 1:72). Ele confirma a aliança através de Sua morte na cruz: “De tanto melhor aliança Jesus foi feito fiador” (Hebreus 7:22).

Além do mais, a palavra traduzida como “confirma” (hebraico: *higbir*) é relacionada ao nome do anjo Gabriel, que traz a Daniel a revelação das 70 semanas (depois ele também traz a revelação do nascimento de Cristo [Lucas 1:19, 26]). “Gabriel” (hebraico: Gabriel) tem como raiz a palavra *gibbor*, “o forte”, um conceito frequentemente associado com o Deus da Aliança. A palavra em Daniel 9:27 significa “fortalecer, confirmar”. Essa com certeza é uma aliança forte, pois traz “justiça eterna” (Daniel 9:24).

A oração de Daniel é principalmente por Israel (Daniel 9:3) e reconhece que Deus promete misericórdia àqueles que O ama (versículo 4). Portanto, a profecia afirma que a aliança seria confirmada com muitos por uma semana. A referência a “muitos” diz respeito aos judeus fiéis. Então, como afirma Young: “Então, um contraste é introduzido entre Ele e os muitos, um contraste que parece ter relação com a grande passagem Messiânica (Isaías 52:13-53:12), particularmente 53:11. Apesar de nem toda a nação receber a salvação, muitos receberão”.

Essa confirmação com os “muitos” de Deus ocorrerão no meio da 70ª semana (versículo 27). Isso se assemelha ao “depois de sessenta e duas semanas e sete semanas” (versículo 26), nos dando maiores detalhes. Sabemos que o ano e meio de ministério de Cristo, no meio da 70ª semana, decididamente esteve focado nos judeus, porque comanda aos discípulos: “Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos...” (Mateus 10:5; 15:24). Então

por três anos e meio depois da crucificação, os apóstolos focam seus ministérios quase exclusivamente nos judeus. Eles começam primeiro pela “Judéia” (Atos 1:8; 2:14) porque o “Evangelho de Cristo” é “primeiro para o judeu” (Romanos 1:16; 2:10, João 4:22).

Apesar de Daniel claramente especificar o evento que serviria como término da 69ª semana, ele não especifica o fim da 70ª. Aparentemente, um evento exato ao final da 70ª semana não é tão importante que necessite ser conhecido. Porém, de forma interessante, quando Estevão foi apedrejado, o primeiro mártir de que se tem conhecimento, a proclamação da aliança começa a se voltar para os gentios. O apóstolo aos gentios aparece na cena da morte de Estevão, quando a perseguição dos judeus contra os cristãos estoura: “E também Saulo consentiu na morte dele. E fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judéia e de Samaria, exceto os apóstolos”. (Atos 8:1) Atos nos informa que a Missão de Paulo era a de levar a fé além do estreito foco nos judeus: “este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel”. (Atos 9:15) A conversão de Paulo pouco depois do apedrejamento de Estevão ocorre por volta de 34 ou 35 d.C.

Essa confirmação da Aliança ocorre “no meio da semana” (versículo 27). Eu mostrei acima que a 70ª semana da aliança começa com o batismo de Jesus. Então, depois de 3 anos e meio de ministério – o meio da 70ª semana - Cristo é crucificado. A profecia diz que pela sua confirmação conclusiva da Aliança, o Messias “fará cessar o sacrifício e a oblação” (Daniel 9:27). Ele faz isso ao oferecer a si mesmo como sacrifício pelo pecado: “Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”. (Hebreus 9:26; 7:11-12; 18:22). Consequentemente, em sua morte, o véu do Templo se rasga de cima a baixo (Mateus 27:51). Essa é uma evidência miraculosa que Deus revogou legalmente o sistema sacrificial (ver em Mateus 23:38). Cristo é o Cordeiro de Deus (João 1:29; 1ª Pedro 1:19) que abre o Santo dos santos ao seu povo (Hebreus 4:14; 9:12, 24-26; 10:19-22).

A destruição de Jerusalém

Mas como devemos entender as porções finais dos versos 26 e 27? O fazemos com a destruição da “cidade e do santuário” (versículo 26)? O que Daniel quer dizer com “pela abominação que causa a desolação” (versículo 27)? A maioria dos comentaristas evangélicos não concordam que isso se refere à destruição de Jerusalém em 70 d.C., que ocorre 40 anos depois da crucificação? E, nisso, eles não seguem o que diz Josefo? Josefo aplica Daniel 9:27 aos eventos de 70 d.C.: “exatamente dessa mesma maneira Daniel escreveu a respeito do governo romano, e que nosso país seria desolado por eles” (antiguidade dos judeus 10:11:7).

No verso 26 aprendemos que há dois eventos que ocorreriam depois da 69ª semana: (1) o Messias seria “cortado” e (2) a cidade e o santuário seriam destruídos. O verso 27a nos informa que o “corte” do Messias (versículo 26) confirma a aliança e ocorre no meio da 70ª semana. Então, a morte do Messias está claramente dentro do espaço de tempo das 70 semanas (como esperaríamos, já que ele é a figura principal da profecia).

Os eventos envolvendo a destruição da cidade e do santuário com guerra e desolação (versículos 26b e 27b) são as consequências do Messias ter sido cortado. Eles não ocorreriam necessariamente dentro do período de tempo das 70 semanas – são um “adendo” ao que é dito no verso 24.

Essa profecia antecipa, entretanto, a destruição que ocorreria em 70 d.C.: no ato divino de guardar (ou reservar) o pecado de Israel para punição. O pecado clímax de Israel é completar sua transgressão (versículo 24) ao “cortar” o Messias (versículo 26a). Em resposta a isso, Deus reserva o julgamento para depois. Deus vai julgar o pecado de Israel – depois de as 70 semanas terem terminado. Ele não vai esquecer-se do pecado e nem atrasar a punição. Isso explica a frase “indefinida”: “até o fim da guerra”. O “fim” não ocorreria dentro das 70 semanas. Hoje sabemos que ele ocorreu em 70 d.C., como Cristo deixa claro em Mateus 24:15.

5ª Parte _____

Dispensacionalismo e as 70 semanas de Daniel _____

Esta é a quinta parte de uma série que examina a profecia de Daniel sobre as 70 semanas determinadas para Israel. Neste artigo, vou focar nos três erros fundamentais da abordagem dispensacionalista às 70 semanas de Daniel. Eles envolvem: (1) Um entendimento correto do seu término; (2) a unidade das 70 semanas; e (3) a identidade da Aliança no verso 27.

Os dispensacionalistas são pressionados pelo seu sistema a interpretar radicalmente Daniel 9:24. Eles colocam esses eventos em nosso futuro, postergando-os até que Israel se volte para o Senhor durante um período de sete anos da Grande Tribulação. Pentecost (um dispensacionalista) observa que “esse período futuro são os ainda não cumpridos sete anos da profecia de Daniel das 70 semanas (Daniel 9:24-27)”. Price concorda com essa visão, admitindo que é uma abordagem peculiar: “uma característica distintiva da interpretação dispensacionalista é o reconhecimento do adiamento... Daniel 9:26-27 [é] um modelo muito disputado para se demonstrar intervalos de tempos em passagens escatológicas”.

As seguintes citações são do teólogo dispensacionalista J. Dwight Pentecost, tiradas de seu comentário sobre o livro de Daniel, encontrado na Bíblia dos Seminários de Dallas “Bible Knowledge Commentary”. As usarei como representantes do dispensacionalismo clássico, que é “uma das tradições mais influentes e disseminadas na teologia evangélica nos dias atuais”.

Pentecost afirma que “terminar a transgressão” se refere à remoção da tendência de Israel de apostatar. Isso ocorre na Segunda Vinda, quando ela é “restaurada à terra prometida e abençoada”. O “por fim ao pecado” significa que “durante a Segunda Vinda de Cristo, Ele removerá o pecado de Israel”. “Fazer a expiação” dos pecados se relaciona à “expiação final dos pecados de Israel, por Deus, quando ele se arrepender na Segunda Vinda de Cristo”. A vinda da “justiça eterna” indica que “Deus vai estabelecer uma era caracterizada pela justiça. Isso é uma referência ao reino milenial”.

De acordo com Pentecost, “selar a visão e a profecia” significa que “tudo que Deus disse pelos profetas que faria em sua Aliança com Israel será terminado completamente no reino do milênio”. O “ungir o Santíssimo” - de acordo com Pentecost - “pode se referir a um lugar sagrado, mas não ao Ungido, ou seja, Cristo. Se ela se referir, está se referindo ao entronamento de Cristo” como “Rei dos reis e Senhor dos senhores, no milênio”. Em resumo, “esses seis pontos, então, antecipam o estabelecimento do reino milenial de Israel debaixo da autoridade de seu Rei prometido”.

Anteriormente, sobre a interpretação do fim do ministério de Cristo [ou crucificação; a visão pós-milenista], uma visão mais aceita entre os evangélicos. A visão dispensacionalista é certamente errada, como ficará ainda mais evidente nos próximos parágrafos, onde considero a teoria do intervalo do dispensacionalismo. Nesse ponto o leitor deve considerar quão incrível é que a visão dispensacionalista de Daniel ignora totalmente a Primeira Vinda: o tempo durante o qual Cristo morre pelos pecados, cumprindo o simbolismo dos sacrifícios oferecidos no Templo, uma tipologia do Velho Testamento, e uma antecipação profética do que Ele faria. Mauro [outro dispensacionalista] se lamenta: a ideia fundamental do verso 24 “ocorreu em um intervalo não definido”. Na visão dispensacionalista os dois primeiros períodos das 70 semanas levam até perto da crucificação de Cristo – mas de repente pulam por cima dela [o “intervalo”].

6ª Parte _____

Dispensacionalismo e o “intervalo” de Daniel (parte 1) _____

O dispensacionalismo interpõe esse intervalo, ou parênteses, entre a 69ª semana e a 70ª; ele envolve toda a era da igreja, da Entrada Triunfal ao Arrebatamento. Os argumentos dispensacionalistas para um intervalo de tamanho indefinido entre a 69ª e a 70ª semana não são convincentes. Vamos considerar os principais. Vou transcrever um argumento brevemente, com bibliografia e então responder:

Primeiro, a fraseologia peculiar em Daniel: Daniel localiza o “corte” do Messias “depois dos 62 “setes” e não no 70º sete” (comentário bíblico do Pentecost). Isso permite um intervalo entre a 69ª e a 70ª semana. Se o corte não ocorreu na 69ª semana ou na 70ª, deve haver um intervalo onde isso acontece.

Em resposta, é óbvio que 70 vem depois de 69 e então está de acordo com a profecia. Consequentemente, esse argumento não prova que “depois” necessita de um intervalo. Além disso, Daniel só menciona 70 semanas, e ele certamente não diz “depois de 69 semanas, mas não na 70ª”. O intervalo dispensacionalista é uma suposição gratuita.

Daniel já tinha falado da 69ª (versículo 25). Ele ainda precisava falar sobre a 70ª semana. Então, é natural assumir que o corte do Messias deva ser dentro do período de sete anos da última semana. A profecia das 70 semanas é a profecia que cobre o maior intervalo de tempo e a que tem o escopo mais amplo. O corte do Messias é um evento de significado profético e redentivo inigualáveis e é

fundamental explicar as metas das 70 semanas, presentes no verso 24 em particular.

Segundo, o “peso” da profecia de Daniel: as “seis metas [do verso 24] estão relacionadas ao povo de Daniel (Israel) e sua Cidade Santa (Jerusalém), não `igreja” (comentário bíblico de Pentecost). McClain diz que “o cumprimento dos eventos tremendos do verso 24 não podem ser encontrados em lugar nenhum da história”. Eles ainda precisam ocorrer em Israel; os eventos devem estar no futuro.

Como mostrei acima, a ideia principal da profecia das 70 semanas é a redenção messiânica. O Messias é o “Santíssimo”, que traz a “reconciliação” e efetua a “redenção eterna” (versículo 24). Ele faz isso por Israel e todo o mundo. Ele na verdade permite a redenção eterna por sua morte (versículo 24), que é claramente o fato de ele ser “cortado” (versículo 26). Como fato histórico, sua morte ocorre no meio dos sete anos posteriores ao seu batismo – um ano e meio depois, para ser exato. O que nos força a rejeitar um período único, sem intervalos, nas 70 semanas?

Terceiro, um consentimento fatal: “Historicamente, a destruição de Jerusalém ocorreu em 70 d.C., quase 40 anos depois da morte de Cristo”. Já que isso é predito na profecia de Daniel e deve ocorrer dentro do período de tempo englobado nas 70 semanas, “a teoria das 70 semanas contínuas (sem intervalos) é deixada sem qualquer explicação adequada para encaixar um evento que ocorreu depois do fim da 69ª semana por aproximadamente 38 anos” (Walvoord).

Acima eu expliquei a relação das 70 semanas com a destruição do Templo em 70 d.C. É importante lembrar que o ponto culminante da profecia das 70 semanas não é a destruição do Templo – o verso 24 nem mesmo menciona esse fato. A destruição é uma consequência de certos eventos que se cumpriram dentro do período de 70 semanas. O ato de Deus guardar (Selar) o julgamento (versículo 24) ocorre dentro das 70 semanas; o cumprimento posterior desse julgamento não. Não há necessidade alguma para intervalos.

Quarto, a tendência geral na profecia: “Nada deve ser mais claro para alguém que leia o Velho Testamento que as profecias dadas não falavam nada sobre o período de tempo que se passaria entre os dois adventos. Esse fato confundia até mesmo os profetas (como em 1ª

Pedro 1:10-12)” (Walvoord). Os dispensacionalistas afirmam que as profecias do Velho Testamento geralmente fundem a Primeira e Segunda Vinda em uma mesma cena, mesmo que sejam separadas por centenas de anos. Consequentemente, temos justificativa bíblica para entender à 69ª e a 70ª semanas como fundidas em uma única cena, mesmo que separadas por um intervalo de centenas de anos.

Esse argumento é completamente sem mérito. Claramente, as 70 semanas compõem uma unidade, ainda que subdivididas em partes de diferentes tamanhos:

- 1- Um período de 70 semanas onde ocorrerão os eventos mencionados (versículo 24); as partes formam um todo unificado. Três períodos de semanas separados não são a cronologia principal da profecia; esses três períodos (7+62+1) compreendem o intervalo de tempo principal das 70 semanas de anos. O plural “setenta semanas” é seguido (no inglês) por um verbo no singular “é decretado”, que indica uma unidade temporal do período todo. Os dispensacionalistas argumentam vigorosamente que deve existir um intervalo no meio da 70ª semana porque “a semana é uma”. Por que, então, não permitem que as 70 semanas sejam “uma”?
- 2- Uma clara preocupação dessa profecia, em contraste com todas as outras profecias Messiânicas, é com uma unidade de medida de tempo. As primeiras palavras na profecia apontam enfaticamente para esse fato: “70 semanas”. Se houvesse intervalos entre as unidades, toda a ideia da medida das “70 semanas” desapareceria.
- 3- Todos concordam que as primeiras duas unidades do período (7 semanas e 62 semanas) são consecutivas. Por que não seria assim com o período final? De forma estranha, Walvoord – que defende o intervalo – critica Mauro (um dispensacionalista) por aceitar que a última semana tenha uma duração indefinida, dizendo: “Em vista da precisão dos

70 anos de cativo, mencionados no mesmo capítulo, o contexto indica a probabilidade de uma intenção mais literal na profecia”. Mauro aceita que a última semana dure 40 anos como uma extensão da graciosa paciência de Deus com Israel. Walvoord aceita um intervalo de quase 2 mil anos, destruindo completamente a possibilidade de se medir o tempo (na profecia). Como Walvoord pode ser “mais literal”? A posição de Mauro mede o tempo de forma mais fiel que a de Walvoord – pelo menos os eventos “medidos” estão no mesmo século. Os de Walvoord estão separados por milênios – e contando.

- 4- Se a teoria do intervalo dispensacionalista é verdade, então o intervalo separando a 70^a da 69^a tem quase 2 mil anos de extensão. Isso é quatro vezes o período das 70 semanas, que são de 490 anos. Como pode um dispensacionalista afirmar com precisão um dia (H. Hoehner diz que o término da 69^a semana ocorreu na Entrada Triunfal, em 30 de março de 33 d.C.) quando há uma interrupção de milênios entre duas semanas consecutivas? Thomas Ice chega a computar as semanas de Daniel em frações de dias para conseguir chegar nas conclusões dispensacionalistas apropriadas: “476 anos X 365,2421989 dias= 173.855 dias”. Ryrie briga com os amilenistas por datar o decreto de Daniel 9:24 em 538 d.C., porque “isso faz com que o período de 70 setes tenha um duração de tempo imprecisa” e seu argumento seguinte deixa esse completamente sem sentido: “há um intervalo de tamanho indefinido entre as primeiras 69 semanas de 7 anos e a última, ou 70^a, semana de sete anos”.

Quinto, a ordem dentro da profecia: “no relato da profecia, a destruição da cidade (versículo 26b) é colocado antes da última semana (versículo 27a)” Já que isso ocorre em 70 d.C., devemos colocar um intervalo para que isso seja possível.

Esse argumento ignora as peculiaridades da linguagem poética hebraica. A maneira dos orientais se expressarem frequentemente

confunde a preocupação dos ocidentais por uma sucessão cronológica precisa; a maneira de pensar ocidental não deve ser superposta à passagem. Essa “característica” permite um retorno e uma expansão do tópico sem que eles se sucedam no tempo. Mesmo os dispensacionalistas clássicos entendem que algumas passagens proféticas não são consecutivas cronologicamente. Um melhor entendimento dos versos 26 e 27 foi dado anteriormente.

Sexto, a interpretação dada por Cristo: “o testemunho do próprio Senhor (Mateus 24:15) mostra que a 70ª semana estaria no futuro.

Esse “problema” já foi respondido na exposição sobre a passagem de Daniel, anteriormente, e na resposta ao argumento 5. O Senhor cita o pedaço da passagem de Daniel que está fora do período das 70 semanas. Não há necessidade de um intervalo em Daniel 9 para explicar o seu uso por Cristo em Mateus 24.

7ª Parte_____

Dispensacionalismo e o “intervalo” de Daniel (parte 2)_____

O versículo da Aliança - 9:27

Os dispensacionalistas lamentavelmente não entendem a confirmação da Aliança no versículo 27. Eles a aplicam para um futuro e malévolos líder que faz e depois quebra uma aliança política com Israel. De acordo com Walvoord “isso se refere ao líder mundial, que virá no começo da última semana (sete anos), que conseguirá obter o controle sobre 10 países no Oriente Médio. Ele fará uma aliança com Israel por um período de sete anos. Como Daniel 9:27 indica, no meio desse período de sete anos, ele quebrará essa aliança e terminará o sacrifício que será feito em um templo reconstruído e se tornar um perseguidor ao invés de protetor, preenchendo a profecia do tempo de aflição de Israel (Jeremias 30:5-7)”.

Pentecost afirma: “Essa aliança será feita com muitos, ou seja, com o povo de Daniel, a nação de Israel. ‘O príncipe que virá’ (Daniel 9:26) será a pessoa que fará essa aliança, porque essa pessoa é quem antecede a palavra “ele” no verso 27. Como um líder que se levantará no futuro, será o cabeça do quarto império (o pequeno chifre da quarta besta, Daniel 9:7-8)”.

Essa interpretação está cheia de problemas. Já tratei de vários deles no texto anterior, de outras formas:

- 1- A Aliança aqui não é feita, mas sim confirmada. A palavra normal para o estabelecimento inicial de uma aliança é karat, “cortar” – aqui a palavra é higbar, ou “confirmar”. Isso, então, é a confirmação de uma Aliança já existente, ou seja, a Aliança da graça redentiva de Deus, que Cristo confirma (Romanos 15:8).
- 2- A palavra “confirmado” (higbar) é a forma enfática de gabar. Não apenas a raiz do termo em si indica uma confirmação, mas na forma usada é uma expressão muito forte para ser usada para uma aliança feita e então quebrada pelo “anticristo”.
- 3- Como notei acima, o termo é relacionado ao nome do anjo de Deus que entrega a mensagem à Daniel: “Gabriel” significa “Deus é forte”. A correspondência léxica entre o nome do anjo forte de Deus (Gabriel) e o fortalecer (higbar) da Aliança sugere a natureza divina da Aliança. Além disso, passagens a respeito de Aliança frequentemente empregam termos relacionados quando falando do “Deus Forte da Aliança”.
- 4- O paralelismo com o verso 26 indica que a morte do Messias está diretamente relacionada à confirmação da Aliança. Ele é “cortado”, mas não “para si mesmo” (versículo 26), porque ele “confirma a Aliança” com os “muitos” de Israel (versículo 27). O “corte” confirma a Aliança, porque “sem derramamento de sangue não há remissão” (Hebreus 9:22). Como Cristo disse: “Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados (Mateus 26:28).
- 5- O pronome indefinido “ele” não se refere ao “príncipe que virá” do verso 26. A palavra “príncipe” é subordinada ao nome; “o povo” é o nome dominante. Então, “ele” se refere ao último “indivíduo” dominante citado: o “Messias”

(versículo 26). O Messias é a figura principal na profecia inteira, tanto que mesmo a destruição do Templo resulta de sua morte. Na verdade, o povo que destrói o Templo são providencialmente “Seu exército”, de acordo com Cristo (Mateus 22:2-7).

- 6- É na morte de Cristo que o judaísmo é legalmente destituído, com o “fim dos sacrifícios e oblações” (Hebreus 7:12, 18). Os sacrifícios são uma confirmação legal da aliança divina com Israel: “Ajuntai-me os meus santos, aqueles que fizeram comigo uma aliança com sacrifícios”. (Salmos 50:5) Uma conexão inquebrável existe entre a morte de Cristo e a destruição final do Templo (Lucas 20:14-18; 23:28-31) – uma conexão entre a causa legal e o efeito judicial.

Conclusão

Um estudo cuidadoso das 70 semanas de Daniel remove de nosso futuro a devastação por causa do juízo de Deus dos últimos versos. Apenas ginásticas hermenêuticas, uma suspensão da sensatez e um comprometimento a priori com o dispensacionalismo nos permitem adicionar um intervalo enorme na profecia de Daniel. Esse intervalo interrompe o que seria sem ele uma cronologia perfeita. Ainda assim, o intervalo é necessário caso se projetarmos a 70ª semana para o nosso futuro. Mas como mostrei acima, isso não é apenas difícil, mas desnecessário.

O cumprimento da famosa profecia de Daniel se deu no primeiro século de nossa era. Consequentemente, a expectativa pessimista de muitos cristãos, fundamentada nessa passagem, não tem justificativa.

Sobre o Autor _____

Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D. é um pastor conservador e reformado, escritor e conferencista.

Ele detém o grau de bacharel em Estudos Bíblicos do Tennessee Temple University, uma M.Div. na Pastoral de Reformed Theological Seminary (Jackson, MS) e o Th.M. e Th.D. graus em Novo Testamento do Seminário Teológico Whitefield.

Ele é casado (desde 1971) e tem três filhos e cinco netos. Ele é um ministro ordenado da Igreja Presbiteriana Reformada, Assembléia Geral (www.rpcga.us) e co-pastor Viver Esperança Igreja Presbiteriana em Greer, SC (www.LivingHopeSC.com).

Atualmente possui o site www.postmillennialismtoday.com

Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre
preterismo parcial e pós-milenista...



Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org